

A escolaridade dos pais e a alfabetização dos estudantes

The schooling of parents and the alphabetization of students

Taynara Elisa Lovison

Dirlene Glasenapp

Resumo: O presente artigo tem como objetivo identificar a contribuição do nível de escolarização e participação dos pais no processo de alfabetização dos estudantes do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual de Joinville/SC. A pesquisa possui uma abordagem descritiva com objetivo de apresentar as características de um determinado grupo. O método de investigação utilizado foi o estudo de caso que objetiva realizar a análise detalhada de uma determinada realidade. Para a coleta de dados foram enviados questionários com questões mistas para os responsáveis dos estudantes do 1º ano do Ensino Fundamental, bem como foi realizada uma sondagem de hipótese de escrita com os estudantes e solicitado à instituição escolar o parecer pedagógico de cada um deles. Para a discussão teórica foram mencionados Brasil (1988), Szymanski (2011), Parolin (2005), Picanço (2012) Soares (2001), Queiroz (2009), Galvão (2001), Nogueira (2009) e Bourdieu (2003). Considerando os dados obtidos nessa amostra foi possível inferir que a escolaridade e participação dos pais refletem no processo de alfabetização dos estudantes do 1º ano do Ensino Fundamental, visto que quanto mais envolvida a família com a rotina escolar e o incentivo às práticas que estimulam a leitura e a escrita, maior a aprendizagem da criança. Os dados apontaram que os estudantes que já estão no processo de compreensão do sistema alfabético têm pais participativos, que incentivam as práticas de leitura e escrita. Constatou-se também, que esses pais possuem pelo menos a educação básica completa, sustentando a ideia de que quanto maior a escolaridade dos pais e seu patrimônio cultural, maior será o investimento no estudo de seus filhos, cuja escolarização é a melhor estratégia para lhes garantir uma boa posição social.

Palavras-chave: Escolaridade e participação dos pais; Alfabetização; Práticas de letramento; Capital Cultural.

Abstract: This article aims to identify the contribution of the level of schooling and participation of parents in the process of literacy of 1st grade students of a Joinville/SC state public school. The research has a descriptive approach with the objective of presenting the characteristics of a certain group. The research method used was the case study that aims to perform a detailed analysis of a certain reality. For data collection, questionnaires with mixed questions were sent to those responsible for the 1st grade students, as well as a survey of the hypothesis of writing with the students and the pedagogical opinion of each one of them was requested from the school institution. For the theoretical discussion, Brazil (1988), Szymanski (2011), Parolin (2005), Picanço (2012) Soares (2001), Queiroz (2009), Galvão (2001), Nogueira (2009) and Bourdieu (2003) were mentioned. Considering the data obtained in this sample,

it was possible to infer that schooling and parental participation reflect the literacy process of 1st grade students, since the more involved the family is in the school routine and the encouragement of practices that stimulate reading and writing, the greater the child's learning. The data showed that students who are already in the process of understanding the alphabetic system have participatory parents, who encourage reading and writing practices. It was also found that these parents have at least the complete basic education, supporting the idea that the greater the parents' schooling and cultural heritage, the greater the investment in the study of their children, whose schooling is the best strategy to guarantee them a good social position.

Keywords: Schooling and participation of parents; Alphabetization; Literacy practices; Cultural Capital.

INTRODUÇÃO

A escolha da temática desse artigo, definida como “a escolaridade dos pais e a alfabetização dos estudantes”, surgiu a partir de experiências acadêmicas, em específico a curiosidade e inquietação que os estágios obrigatórios da faculdade causaram, onde houve a oportunidade de acompanhar relatos de professores que lamentavam a ausência da família nos estudos de seus filhos, ou que manifestavam elogios quanto à efetiva participação desses no processo e nos resultados positivos apresentados.

Observando essas situações dentro do ambiente escolar, levantaram-se as seguintes questões: Qual a influência do nível de escolarização e participação dos pais no processo de alfabetização dos estudantes? Qual o nível de escolaridade dos pais dos estudantes? Como está o desempenho e a aprendizagem dos estudantes em fase de alfabetização do 1º ano do Ensino Fundamental?

Desta forma, buscou-se ir além da instituição escolar, tendo como objetivo geral identificar a contribuição do nível de escolarização e participação dos pais no processo de alfabetização dos estudantes do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual de Joinville/SC. Para tanto, foram delimitados os seguintes objetivos específicos: a) conhecer o nível de escolarização e participação dos pais dos estudantes do 1º ano do Ensino Fundamental; b) conhecer o desempenho e a aprendizagem dos estudantes em

fase de alfabetização do 1º ano do Ensino Fundamental; c) relacionar o nível de escolaridade e participação dos pais com a alfabetização dos estudantes.

Com a finalidade de realizar um levantamento e conhecer trabalhos semelhantes de modo a enriquecer o repertório sobre o tema definido, foi realizado um balanço de produção acadêmica em duas bases de dados, SciELO (*Scientific Electronic Library Online* - Biblioteca Eletrônica Científica Online) e ANPEd (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação). Os descritores utilizados para a identificação das pesquisas foram: “família e educação”, “relação família e escola” e “desempenho escolar”.

Na base de dados SciELO foram selecionadas três pesquisas realizadas nos anos 2004, 2006 e 2013. Essas pesquisas discorrem sobre a dificuldade apresentada pela escola em compreender a realidade vivida por seus alunos e suas famílias, e também, destacam a família como foco de atenção psicoeducacional. Na base da ANPEd, mais especificamente no GT (Grupo de Trabalho) 14 – Sociologia da Educação – foram escolhidos seis trabalhos desenvolvidos nos anos 2009, 2011, 2012 e 2013. Esses apresentam como as relações afetivas, socioeconômicas e a origem social das famílias podem impactar no desenvolvimento dos estudantes, bem como tratam dos benefícios da relação família e escola.

De modo geral, as pesquisas foram relevantes no processo de escrita desse artigo, porém observou-se uma determinada dificuldade visto que essas pouco detalham, ou deixam de abordar o tema na íntegra, já que em sua maioria discorrem sobre relações afetivas e socioeconômicas, distanciando-se da proposta inicial voltada diretamente para o nível de escolarização e participação dos pais.

A fim de atingir os objetivos propostos, contou-se com um referencial teórico para abordar as temáticas: “Escola e família como bases para o desenvolvimento do indivíduo”, em que foram mencionados Brasil (1988), Szymanski (2011), Parolin (2005), Picanço (2012), Soares (2001) e Queiroz (2009); e “A família e as práticas de alfabetização e letramento” contemplando

respectivamente Galvão (2001), Soares (2001), Nogueira (2009) e Bourdieu (2003).

Buscando compreender os fatos, essa pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem descritiva, tendo como sujeitos os estudantes do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Joinville, e seus pais ou responsáveis, o que a caracteriza como um estudo de caso. Foram utilizados questionário, parecer pedagógico e sondagem de hipótese de escrita como instrumentos de coleta de dados.

Com essa pesquisa, buscou-se conhecer e analisar a contribuição do nível de escolarização e participação dos pais no processo de alfabetização das crianças, com o intuito de possibilitar reflexões acerca do tema e a superação de conceitos já definidos. Assim, apresenta-se a seguir: o referencial teórico que propõe conceitos importantes para o desenvolvimento desse trabalho; o percurso metodológico, apresentando os métodos, os sujeitos e instrumentos necessários para a realização da pesquisa; a análise de dados que buscará identificar a contribuição do nível de escolarização e participação dos pais no processo de alfabetização dos estudantes; e por fim, as considerações finais apresentando as percepções alcançadas com a realização desse estudo.

ESCOLA E FAMÍLIA: BASES PARA O DESENVOLVIMENTO DO INDIVÍDUO

A Escola e a Família são instituições fundamentais para o desenvolvimento integral do sujeito, sendo que as influências e experiências oferecidas por esses *locus* são determinantes no seu comportamento social e individual. Desta forma, ambas são responsáveis pela educação do indivíduo. Garantida pela Constituição Brasileira, em seu artigo 25:

[...] a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno

desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

Essas instituições exercem um papel importante na formação do indivíduo. Na perspectiva de Szymanski (2011, p. 216),

o que ambas as instituições têm em comum é o fato de prepararem os membros jovens para a sua inserção futura na sociedade e para o desempenho de funções que possibilitem a continuidade da vida social.

A instituição escolar precisa oferecer ao aluno o acesso ao saber sistematizado, oportunidades de desenvolver seu pensamento crítico e a convivência em sociedade. Conforme Parolin (2005, p. 61):

A escola é uma instituição potencialmente socializadora. Ela abre um espaço para que os aprendizes construam novos conhecimentos, dividam seus universos pessoais e ampliem seus ângulos de visão assim como aprendam a respeitar outras verdades, outras culturas e outros tipos de autoridade.

Encarregada pela formação comum do indivíduo para o pleno exercício de sua cidadania, a escola deve fornecer componentes fundamentais para o processo de socialização, bem como a integração no ambiente social (PICANÇO, 2012).

Tradicionalmente, a escola é responsável também por oferecer aos estudantes o acesso ao mundo da escrita e o processo que nela e por ela se dá (a *escolarização*). Assim, cabe à escola e à escolarização proporcionarem a aprendizagem das habilidades básicas de leitura e escrita, a *alfabetização*, e o uso dessas habilidades e conhecimentos nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, o *letramento* (SOARES, 2001).

Em seus muitos aspectos, a escola deve comprometer-se não somente com o fornecimento do saber sistematizado, o saber ler e escrever, mas deve

também, oferecer meios para a compreensão e construção desses saberes, assim como o desenvolvimento de competências e habilidades do sujeito para que esse obtenha êxito em sua vida pessoal e social.

Confirmando esses direitos, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), em seu artigo 32, assegura o ensino fundamental obrigatório e gratuito, com o objetivo de promover a formação básica do cidadão, considerando

I – o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; II – a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade; III – o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores; IV – o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

Já a família, um núcleo duradouro em constante transformação, representa o alicerce, e é o lugar em que ocorrem as primeiras trocas e experiências, os primeiros relacionamentos da criança, onde o conhecimento de mundo se inicia. Segundo Parolin (2005, p. 37) “entende-se família como um núcleo ímpar, criador de uma cultura própria e com leis, regras, mitos, ritos e crenças peculiares.”

Queiroz (2009, p. 01) compreende que

[...] a primeira instância de mediação do processo de socialização é a família, pois ela constitui o *lócus* da afetividade e da privacidade, espaço social no qual, por meio das experiências de natureza emocional, se forma a estrutura psíquica.

Contudo, esse espaço tem passado por grandes transformações no que diz respeito às mudanças religiosas, econômicas e socioculturais. Assim, a família torna-se um espaço sociocultural que deve ser renovado e reconstruído, buscando adaptar-se ao contexto em que está inserida (PICANÇO, 2012).

Ao longo das últimas décadas, essa instituição passou a se organizar de modo que a criança se tornou o seu foco principal, exigindo que o papel exercido em todas as instâncias de sua vida, em especial a escolar, precisasse ser considerada.

Nessa perspectiva, a LDB (1996) em seus artigos 12, 13 e 14, prevê a responsabilidade e a ação integrada das escolas com as famílias, tornando essas participantes responsáveis nos processos de aprendizagem.

Art. 12. Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de: (...) VI – articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola; [...] Art. 13. Os docentes incumbir-se-ão de: [...] VI – colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade. Art. 14. Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios: [...] II – participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.

O Ministério da Educação (2004) assegura que cada membro da comunidade escolar é responsável para que o saber do estudante se integre com a prática educativa. Nessas circunstâncias, o conselho escolar deve acompanhar e avaliar o cumprimento da função da escola, e também, apoiar o compromisso da instituição com o saber e a cultura do estudante e da comunidade.

Desta forma, a participação dos pais nos conselhos escolares ou equivalentes torna-se de extrema importância para que esses possam expressar suas necessidades e ideias, e também, zelar pela manutenção da escola e as ações de sua equipe a fim de garantir a qualidade do ensino.

De acordo com Picanço (2012), é necessário que a escola tome a iniciativa de fomentar o envolvimento das famílias, buscando estratégias que sejam acessíveis para as diferentes classes socioeconômicas.

Assim, pode-se sugerir também encontros com pais, alunos e professores, apresentações culturais, bem como áreas de lazer que permitam o acesso aos finais de semana, disponibilizando cursos e brincadeiras para toda a comunidade escolar, de forma que venham a viabilizar a participação da família na escola.

É fundamental ainda que a família propicie, no contexto familiar, um ambiente adequado e materiais necessários para que haja êxito no processo de escolarização, sendo que para isso se faz necessário: ter livros em casa; reservar um lugar tranquilo para os estudos; zelar pelo cumprimento de fazer os trabalhos de casa; orientar, mas jamais dar a resposta certa; preservar o tempo livre das crianças; comparecer a todas as reuniões de pais; conversar sobre a escola; ver com frequência a caderneta de aluno; não fazer pressão em véspera de testes (PICANÇO, 2012).

Portanto, a interação desses espaços permite uma melhora nos processos de ensino e aprendizagem, já que na família acontecem as primeiras experiências e o início do processo de aprendizagem. Na escola, esse conhecimento prévio adquirido será ampliado, atrelando-se ao saber sistemático, que permitirá a formação de um indivíduo participante e construtor de sua história e da sociedade.

A FAMÍLIA E AS PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Ao se falar sobre leitura vem à mente alguns questionamentos, tais como:

A prática da leitura pode ser considerada algo que se transmite entre as gerações? É, em outras palavras, uma espécie de bem que se herda e que se lega? O gosto pela leitura é adquirido na família, com os pais e com as mães? É possível aprender a gostar de ler na escola ou em outras instâncias sociais, mesmo que não se tenha tido o hábito de ler em casa? As práticas de leitura estão relacionadas a determinantes como classe

social, pertencimento de gênero, grau de escolaridade e nível de instrução e alfabetismo? (GALVÃO, 2001, p.125)

As práticas de leitura e escrita estão presentes cotidianamente na vida de cada sujeito, cabendo-lhe a significância desses processos na medida em que participa da cultura letrada, já que quanto maior a aproximação com esses conhecimentos, maior será a sua interpretação de mundo.

Nessa perspectiva, primeiramente se faz necessário refletir sobre o que é ler e as relações entre alfabetização e letramento, conhecendo suas definições.

Compreende-se que ler vai muito além da codificação e decodificação de palavras, é antes de tudo construir sentido para aquilo que se lê, desenvolvendo a capacidade de refletir sobre o texto escrito, sua estrutura, organização e características próprias (SOARES, 2016).

Quanto às práticas de alfabetização e letramento, Soares (2001, p. 96) afirma que

Atingido um certo grau de instrução, o indivíduo terá não só adquirido a tecnologia da escrita, isso é, terá se tornado *alfabetizado*, mas também terá se apropriado das competências básicas necessárias ao uso das práticas sociais de leitura e escrita, isto é, terá se tornado *letrado*.

Essas competências são vistas como um elemento essencial da escolarização inicial, mas vale indagar se essas competências são de inteira responsabilidade da instituição escolar, que tem por dever fornecer o acesso ao saber sistematizado, ou se é incumbência também da família, primeira referência de constituição do sujeito.

Considerando a família como primeira instância de constituição identitária, Nogueira (2009) afirma que cada indivíduo é caracterizado por uma bagagem socialmente herdada composta por competências, habilidades e

disposições que podem ser utilizadas a serviço do seu sucesso escolar, de modo que todo esse patrimônio é transmitido no decorrer dos anos por sua família.

Nesse contexto, a família exerce várias funções, servindo como ponto de referência para a formação integral de seus filhos, disponibilizando de diferentes recursos para investir na sua escolarização. Bourdieu (2003, p. 41) afirma que:

Na realidade, cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo *ethos*, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar.

Na concepção de Nogueira (2009), o capital cultural refere-se aos conhecimentos culturais incorporados nos diversos âmbitos de socialização e constitui um elemento da herança familiar que possui maior impacto na definição do destino escolar, já que esse pode proporcionar melhor desempenho nos processos formais e informais de avaliação, facilitando na aprendizagem dos conteúdos e códigos, nos esquemas mentais e no que se refere ao domínio da língua culta.

O capital cultural compreende uma série de experiências que são oferecidas aos sujeitos socialmente e que podem facilitar o seu aprendizado, ampliando as maneiras de pensar o mundo, tais como: contato com materiais escritos (livros, jornais, revistas, etc.); ambientes letrados (livrarias, bibliotecas, etc.); programas culturais (cinema, peças teatrais, museus, exposições de arte, etc.); e outros que possam oferecer referências educacionais.

O incentivo a essas práticas pode contribuir para a aquisição da língua culta, que para Nogueira (2009, p. 35), “funciona como uma moeda (um capital) que propicia a quem o possui uma série de recompensas, seja no sistema escolar, seja no mercado de trabalho, seja até mesmo no mercado matrimonial”, e que pode vir a acontecer e tornar-se hábito no ambiente familiar.

A acumulação de oportunidades oferecidas pelas famílias em seu percurso escolar e os conhecimentos construídos socialmente são aspectos a serem considerados na aprendizagem dos estudantes. Para Bourdieu (2003, p. 42) “mais que os diplomas obtidos pelo pai, mais mesmo que o tipo de escolaridade que ele seguiu, é o nível cultural global do grupo familiar que mantém a relação mais estreita com o êxito escolar da criança”.

Assim, ao adentrar no mundo escolar, a criança já terá adquirido um certo patrimônio de habilidades que a possibilitará aprender novos conhecimentos em um tempo relativamente curto (SOARES, 2016).

Segundo Nogueira (2009), na concepção de Bourdieu a escola muitas vezes torna-se um espaço de reprodução de desigualdades, visto que seu currículo acaba desvalorizando aqueles alunos que não são dotados de um rico capital cultural. Para reverter essa situação, o autor sugere uma “pedagogia racional”, isto é, fazer com que a escola se torne um local de equilíbrio, no qual as crianças de classes populares adquiram o mesmo grau de cultura que as crianças de classes sociais mais favorecidas.

Nessa perspectiva, cabe à escola conhecer a realidade presente na vida de cada aluno, utilizando esse conhecimento prévio a favor do processo de ensino e aprendizagem, ofertando uma educação de qualidade com iguais oportunidades para todos, acesso à experiências culturais diversificadas, buscando desenvolver novas competências nos sujeitos, oferecendo meios para questionamentos que ampliarão o conhecimento de mundo, bem como a formação de um indivíduo crítico e atuante na sociedade em que vive.

Considerando a família como ponto de referência para os resultados obtidos no campo educacional, cabe refletir se os níveis de instrução e participação dos pais, bem como o capital cultural oferecido, interferem no aprendizado dos conteúdos e no processo de alfabetização dos estudantes.

PERCURSO METODOLÓGICO

Para alcançar os objetivos propostos, essa pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem descritiva, que tem por finalidade o estudo, a análise,

o registro e a interpretação dos fatos e fenômenos de determinada realidade. Conforme Vergara (2000, p. 49):

A pesquisa descritiva trabalha com as características de uma população ou de um fenômeno, podendo estabelecer correlações entre variáveis, definindo também a natureza de tais correlações, sem se comprometer com a explicação dos fenômenos descritos.

Portanto, a abordagem dessa pesquisa é descritiva pois visa apresentar as particularidades dos alunos de uma turma de 1º ano de Ensino Fundamental, bem como, de seus pais.

O método de investigação utilizado foi o estudo de caso, visto que buscou-se realizar uma análise detalhada de um determinado grupo. Esse método, segundo Sordi (2017, p. 71),

Objetiva analisar e discutir a ocorrência de intervenções dentro de um ou mais ambientes segundo um contexto de interesse do pesquisador, o qual não assume o papel de interventor, mas de um observador que acompanha a intervenção de outrem, preferencialmente em tempo dos acontecimentos da intervenção.

A pesquisa foi desenvolvida em uma Escola da Rede Estadual de Joinville/SC, que atende alunos do 1º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, nos períodos matutino e vespertino. O critério de seleção da escola teve como base o fácil acesso para a pesquisa, em virtude da receptividade por parte da direção e dos docentes, e também, devido à experiência obtida ao estudar na instituição, em que no decorrer dos anos foi possível acompanhar de perto o trabalho realizado pelos professores das diferentes turmas.

Para a realização da coleta de dados, foi elaborado um questionário com 11 questões mistas. De acordo com Sordi (2017, p. 76), esse instrumento de pesquisa “tem como propósito descrever numericamente características, tendências, atitudes ou opiniões de uma população a partir de uma amostra aleatoriamente selecionada.”

Os questionários foram enviados para 25 pais dos alunos de uma turma de 1º ano de Ensino Fundamental, com a finalidade de conhecer o seu nível de escolarização e a sua participação nos estudos de seus filhos.

Para complementar a pesquisa e relacionar os dados, foi solicitado à Instituição de Ensino o boletim descritivo¹ de cada estudante e, também, foi aplicada com cada um deles uma sondagem das hipóteses de escrita, que tem por objetivo conhecer a escrita de cada criança, bem como a sua apropriação do sistema alfabético.

Com as informações obtidas na pesquisa, foi possível conhecer a contribuição do nível de escolarização e da participação dos pais no processo de alfabetização dos estudantes. Assim, apresenta-se a seguir os dados obtidos, bem como sua interpretação e análise com base nos referenciais teóricos estudados.

ANÁLISE DOS DADOS

Para responder o primeiro objetivo específico dessa pesquisa que é conhecer o nível de escolarização e participação dos pais dos estudantes do 1º ano do Ensino Fundamental, fez-se o uso de um questionário que apresentou o perfil dos responsáveis pelas crianças pesquisadas e a sua escolaridade, bem como a sua participação na rotina e atividades escolares e o incentivo às práticas letradas.

¹ Documento no qual o professor registra o desenvolvimento do aluno, elencando suas vivências, seus avanços e dificuldades.

Dos 25 questionários enviados, um total de 19 foram devolvidos. Com esse retorno foi possível caracterizar os sujeitos como 14 mães, e apenas 5 pais, destacando a figura materna como protagonista na educação escolar das crianças.

O quadro a seguir apresenta o nível de escolaridade dos sujeitos:

Quadro 1 – Escolaridade dos responsáveis

ESCOLARIDADE DOS RESPONSÁVEIS	
Ensino Fundamental I	1
Ensino Fundamental II	1
Ensino Médio Incompleto	1
Ensino Médio Completo	7
Curso Técnico	2
Ensino Superior Incompleto	4
Ensino Superior Completo	2
Não respondeu	1

Fonte: dados das pesquisadoras (2019).

Considerando a estrutura do sistema educacional brasileiro e seus níveis de escolaridade, é possível reconfigurar esses dados da seguinte maneira: 1 sujeito possui o ensino fundamental I, 2 possuem ensino fundamental II, 11 possuem ensino médio completo, 2 possuem curso técnico e 2 possuem ensino superior completo, sendo que apenas 3 não concluíram a educação básica.

Quanto à participação, foi perguntado aos responsáveis se esses participam da rotina escolar de seus filhos, auxiliando em tarefas e atividades escolares. Dos 19 pais, 15 responderam que sim e 4 responderam que às vezes o fazem. E ao serem questionados sobre a forma que essa participação é realizada, foram obtidas respostas como: “*ajudando no entendimento*”; “*ajudando nas tarefas*”; “*olhando a agenda diariamente*”; “*incentivando a leitura e escrita*”; e “*auxiliando com pesquisas*”. Com essas informações foi possível considerar que em sua maioria, os pais participam das atividades escolares de maneira efetiva.

Ao perguntar se esses participam dos eventos e reuniões realizadas pela escola, 7 pais responderam que sempre participam, 5 responderam que muitas vezes, 6 às vezes e somente 1 respondeu que raramente, confirmando que a maior parcela dos pais participa, de certo modo, dos acontecimentos escolares de seus filhos.

Desta forma, acredita-se que o envolvimento familiar no processo educativo pode contribuir para a aquisição e gosto pelo estudo. Picanço (2012, p.45) afirma que:

O papel dos pais no estudo dos filhos é fundamental, senão o mais importante, porque o acompanhamento sistemático, metódico e constante permite que as crianças e jovens tenham uma organização e desempenho muito mais coerentes e lógicos, pois o apoio parental é fulcral para o “crescimento” acadêmico, a criança sente-se “protegida” e acompanhada.

Enfatiza-se também que as práticas educativas dentro do ambiente familiar possibilitam a construção e apropriação de saberes, práticas e hábitos sociais, que ao sincronizarem com a escola, podem refletir diretamente na realização escolar da vida das crianças e adolescentes (SZYMANSKI, 2004).

Considerando a importância do capital cultural para enriquecer o repertório sociocultural da criança e estimular o seu aprendizado, foi perguntado aos pais se esses costumam oferecer a seus filhos experiências como visitar ambientes letrados (livrarias, bibliotecas, etc.) e programas culturais (cinema, peças teatrais, museus, exposições de arte, etc.), se propiciam o contato com materiais escritos (livros, jornais, revistas, etc.) e também se costumam ler para os seus filhos.

Quando questionado se os responsáveis oferecem aos seus filhos o contato com livros, revistas e jornais em casa e em ambientes externos, dos 19 responsáveis, 7 responderam que sempre oferecem esse contato, 5 responderam que muitas vezes, 6 às vezes, e 1 respondeu que raramente oferece. Evidencia-

se assim, que por mais que não ocorra com frequência, os pais costumam oferecer a seus filhos o contato com materiais escritos.

Ao perguntar se os responsáveis costumam levar seus filhos em ambientes que estimulam a leitura (como livrarias e bibliotecas), somente 1 respondeu que sempre os leva, 3 responderam muitas vezes, 6 às vezes, 4 raramente e 5 responderam que nunca levam seus filhos a esses ambientes letrados. Portanto, grande parte dos responsáveis desenvolve inconstantemente essa prática, ou então, não a fazem.

Foi questionado também se esses costumam oferecer aos seus filhos o contato com programas culturais (cinema, peças teatrais, museus, exposições de arte, etc.). Dos 19, apenas 3 pais responderam que sempre oferecem, 2 muitas vezes, 8 às vezes, 4 raramente, e 2 responsáveis responderam que nunca. Confirma-se que, como nas perguntas anteriores, essas práticas não são hábitos comuns no ambiente familiar.

Referente às práticas de leitura em casa, perguntou-se aos responsáveis se esses costumam ler para os seus filhos. Dos 19 respondentes, 5 afirmaram que sempre, 2 que muitas vezes, 11 às vezes e somente 1 respondeu que raramente lê para seu filho.

As respostas obtidas mostraram que essas práticas não acontecem com regularidade no ambiente familiar. Com essas questões, foi possível observar que é mais frequente os pais disponibilizarem aos seus filhos materiais escritos, do que ler para eles, bem como levá-los a ambientes letrados e programas culturais.

Contudo, se essas práticas se tornassem hábito, poderiam haver melhoras no rendimento escolar dos alunos, como afirma Picanço (2012, p. 46):

Uma das tarefas mais importantes que os pais podem realizar para ajudarem os filhos é criarem condições ambientais favoráveis à aprendizagem, comprando livros, lendo histórias, visitando bibliotecas e museus.

Por fim, foi questionado se os responsáveis consideram que a sua participação nas atividades e eventos escolares podem influenciar no desempenho de seus filhos. Todos os 19 pais responderam que sim. Em caso afirmativo, foi solicitado que os pais justificassem sua escolha.

R8² justificou que *“quando os pais são participantes, influenciam os filhos a serem e o desempenho da criança é muito melhor”*. R9 afirmou que *“é mostrando o caminho que eles aprendem a direção. Sempre apoiando e incentivando a buscarem mais conhecimento”*. Corroborando os relatos, R4 descreve que

os pais são os principais responsáveis pela educação e criação dos filhos. A escola é uma extensão do aprendizado para a criança, mas o lar e os pais são a base central. O dever de todos os pais é exercer seu papel e transmitir seus valores para que se tornem adultos éticos no futuro.

Desta forma, considera-se que as estratégias realizadas no ambiente familiar implicam em todos os processos formais, visto que a família é produtora de um agente social, munido de competências, habilidades e disposições adequadas para ocupar determinado lugar na sociedade (NOGUEIRA, 2009).

Para responder o segundo objetivo específico dessa pesquisa, que é conhecer o desempenho e a aprendizagem dos estudantes em fase de alfabetização do 1º ano do Ensino Fundamental, foi realizada uma sondagem de hipótese alfabética que tem por objetivo conhecer o nível de escrita em que a criança se encontra no processo de aquisição da língua escrita. Também foi solicitado à escola o boletim descritivo desses estudantes.

² Para identificação dos sujeitos, optou-se por utilizar a seguinte nomenclatura: R (Responsável pela criança) e o número de identificação de cada criança.

Inicialmente, foi perguntando aos responsáveis se seus filhos apresentam dificuldades para desenvolver as atividades escolares. Dos 19 respondentes, 6 afirmaram que muitas vezes, 6 às vezes, 5 raramente e 2 responderam que nunca.

Em seguida, foi indagado se no caso de a criança apresentar um baixo desempenho, os pais costumam procurar a escola ou professores. Dos 19 responsáveis, 6 responderam que sempre, 5 às vezes, 5 raramente e 3 responderam que nunca procuram a escola perante dificuldades apresentadas.

Foi realizada também, no mês de agosto, a sondagem das hipóteses de escrita, e com os dados obtidos foi possível conhecer o nível de escrita de cada estudante, conforme descrito no quadro abaixo:

Quadro 2 – Nível de escrita das crianças

NÍVEL DE ESCRITA DAS CRIANÇAS	
Pré-silábico	2
Silábico sem valor sonoro	4
Silábico com valor sonoro	6
Silábico alfabético	2
Alfabético	5

Fonte: dados das pesquisadoras (2019).

Como demonstrado no quadro acima, 2 crianças encontram-se no nível de escrita *pré-silábico*, que de acordo com a teoria da Psicogênese da Língua Escrita, desenvolvida por Emília Ferreiro e Ana Teberoski, nos anos 1970, é o nível em que as letras são utilizadas pela criança de maneira aleatória, sem correspondência com os sons que representam; 4 crianças encontram-se no nível *silábico sem valor sonoro*, representado pelo uso de uma letra para cada sílaba da palavra, sem correspondência com o valor sonoro das sílabas; 6 delas estão no nível *silábico com valor sonoro*, em que são utilizadas letras que representam a propriedade sonora das sílabas; 2 estão no nível *silábico alfabético*, quando ocorre a passagem da hipótese silábica para a alfabética, em que individualmente todos os fonemas da palavra são representados, contudo

ainda não há conhecimento das convenções ortográficas; e outras 5 crianças encontram-se no nível *alfabético*, a etapa final do processo de compreensão do princípio alfabético. Pode-se concluir que a maioria das crianças encontra-se no nível silábico com valor sonoro em diante, ou seja, em processo de desenvolvimento da consciência fonológica³ da escrita (SOARES, 2016).

Para relacionar o nível de escolaridade e participação dos pais com a alfabetização dos estudantes, outro objetivo dessa investigação, fez-se necessário analisar os casos individualmente de modo a pontuar a escolaridade do responsável, a sua participação na rotina escolar da criança, bem como o incentivo às práticas letradas, e também, a sondagem de hipóteses de escrita da criança e seus boletins descritivos, do primeiro e segundo trimestres letivos.

Dos 19 casos estudados, apenas 2 apontaram que não há influência da escolaridade e participação dos pais no processo de alfabetização dos estudantes, enquanto os outros 17 evidenciaram a importância desses no processo de aprendizagem.

Nos 17 casos que evidenciaram a importância dos pais no processo de aprendizagem, foram identificadas crianças que ainda não haviam se apropriado do sistema de escrita cujos pais pouco participam da rotina escolar, e também crianças que já haviam compreendido o princípio alfabético e seus pais são participantes das atividades escolares.

Quanto aos 2 casos que apontaram que não há influência da escolaridade e participação dos pais no processo de alfabetização, o primeiro é de uma criança que possui um ótimo desempenho, já está alfabetizada, e não há participação da família nas atividades escolares, bem como o incentivo às práticas letradas. No segundo caso, a criança encontra-se no nível pré-silábico, não conhece o alfabeto na escrita, não identificando as letras, e a família afirma participar dos estudos.

³ Capacidade de focalizar os sons de palavras, dissociando-as de seu significado, e de segmentar as palavras nos sons que as constituem (MAGDA, 2016, p.166).

No que se refere especificamente à escolaridade dos responsáveis, dos 19 casos, 15 apontaram que essa reflete no processo de alfabetização, enquanto outros 4 assinalaram que a escolaridade não reflete na aprendizagem dos estudantes.

Nos 15 casos que apontaram que a escolaridade dos pais influencia no processo de alfabetização, foi percebido que 13 crianças já alcançaram os objetivos propostos e encontram-se no nível silábico com valor sonoro em diante e seus pais tem o ensino médio completo ou ensino superior (completo ou incompleto), e que apenas 2 crianças se encontram no nível silábico sem valor sonoro e seus responsáveis não concluíram o ensino médio.

Com relação aos outros 4 casos que sinalizaram que não há influência da escolaridade na aprendizagem dos estudantes, as crianças ainda não adquiriram consciência fonológica e seus responsáveis têm ensino médio completo, curso técnico ou ensino superior incompleto.

Portanto, de modo abrangente, é possível entender que quanto maior a escolaridade dos pais, maiores são os reflexos no aprendizado das crianças.

Os dados obtidos permitem inferir também a importância do envolvimento familiar nas práticas escolares, que de certa forma “facilitariam o aprendizado escolar tendo em vista que funcionariam como elementos de preparação e de rentabilização da ação pedagógica” (NOGUEIRA, 2009, p. 52).

Ao transmitir um determinado capital cultural, isto é, saberes, valores e práticas, a família pode contribuir diretamente para o sucesso escolar de seus filhos, visto que

o capital cultural pode corresponder tanto ao nível de instrução global de uma família expressa pelos certificados escolares, como também à incorporação de disposições e a um certo cuidado de si, um “cultivar-se”, como o gosto pela música, teatro, cinema e pelo consumo de bens culturais, aos quais se tem acesso direto, como os livros, sejam os adquirindo através da compra ou simplesmente por via da frequente visita às bibliotecas,

museus, etc. (BEZERRA; AGUIRRE; REZENDE, 2012, p. 7).

Para que ocorram, esses hábitos letrados precisam ser trabalhados no ambiente familiar para que tragam bons resultados, já que “se o gosto pelo estudo não existe e se a família, ainda por cima, não o valorizar, será difícil que ele se transforme num hábito “bom” (PICANÇO, 2012, p. 46).

O sucesso obtido no processo de aprendizagem da criança é resultado de um longo processo de socialização que acontece inicialmente no espaço familiar, que vai se aprimorando conforme são obtidos novos conhecimentos. Sendo assim, o desempenho escolar não depende unicamente da criança, mas de todas as experiências que a ela são oferecidas.

Observa-se ainda que a escolaridade dos responsáveis, assim como o incentivo à escrita e à leitura, o acesso a materiais letrados e as idas à ambientes letrados e programas culturais são questões a serem consideradas na alfabetização dos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve como ponto de partida a seguinte indagação: Qual a influência do nível de escolarização e participação dos pais no processo de alfabetização dos estudantes? E para isso, foi necessário conhecer o nível de escolaridade dos pais e a sua participação no processo de alfabetização, bem como conhecer o desempenho das crianças.

Buscou-se inicialmente, compreender a importância e responsabilidade das instituições família e escola no processo de aprendizagem e formação do sujeito, e após, o papel da família no processo de alfabetização da criança e a significância das práticas letradas oferecidas por essa. Desta forma, a família foi a figura protagonista nessa pesquisa, visto que essa é considerada a

primeira instância da criança, onde o conhecimento de mundo se inicia, e em que são obtidas as primeiras experiências e momentos de troca.

Com os dados coletados, no que diz respeito à escolarização e participação dos pais dos estudantes do 1º ano do Ensino Fundamental, foi possível observar que a maioria dos pais concluiu a escolaridade básica, bem como participa de forma efetiva da rotina escolar de seus filhos, auxiliando na realização das tarefas e trabalhos. Contudo, foi possível observar que não há o hábito de incentivo às práticas letradas (como o acesso à livros, a ida à ambientes que estimulem as habilidades linguísticas) dentro do ambiente familiar.

Em relação ao desempenho e a aprendizagem dos estudantes em fase de alfabetização do 1º ano do Ensino Fundamental, evidenciou-se que grande parte das crianças se encontra no nível silábico com valor sonoro em diante, adquirindo consciência fonológica da escrita e, portanto, em processo de apropriação do sistema de escrita alfabética.

Ao relacionar o nível de escolaridade e participação dos pais com a alfabetização dos estudantes, foi possível perceber que o nível de escolaridade e participação dos pais reflete no processo de alfabetização dos estudantes. Na maior parte dos casos, quanto mais envolvida a família com a rotina escolar e o incentivo às práticas que estimulam a leitura e a escrita, maior a aprendizagem da criança.

Nos casos em que as crianças já estão no processo de compreensão do sistema alfabético, foi evidente a participação dos pais na rotina escolar e no incentivo às práticas que estimulam a leitura e a escrita. Percebeu-se também, que esses pais possuem a educação básica completa, sustentando a ideia de que quanto maior o patrimônio cultural da família, maior será o investimento no estudo de seus filhos, cuja escolarização é a melhor estratégia para lhes garantir uma boa posição social.

Foi possível concluir que a família desempenha um papel fundamental no processo de aprendizagem, e que os hábitos e estratégias praticadas nesse ambiente podem contribuir diretamente no sucesso escolar das crianças.

Considerando a importância desse tema para as pesquisas em educação, espera-se que a partir dos resultados apresentados possam surgir novas investigações, contribuindo para o trabalho realizado nas escolas, bem como nas práticas desenvolvidas no ambiente familiar.

REFERÊNCIAS

- BEZERRA, Tiago Souto; AGUIRRE, Moisés Alberto Calle; REZENDE, Dimitri Fazito de Almeida. **O efeito do capital cultural familiar no desempenho escolar dos alunos da educação básica da região metropolitana de Natal - RN/Brasil**. 2012. Disponível em: <http://www.alapop.org/Congreso2012/DOCSFINAIS_PDF/ALAP_2012_FINAL368.pdf>. Acesso em: 19. nov. 2019.
- BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. *In*: NOGUEIRA, M. A.; CATAVI, A. (orgs.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 41-64.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Nacional de Fortalecimentos dos Conselhos Escolares. Conselho Escolar e o respeito e a valorização do saber e da cultura do estudante e da comunidade**. Caderno 3. Brasília, DF: MEC, 2004.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Leitura: algo que se transmite entre gerações? *In*: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). **Letramento no Brasil, reflexões a partir do INAF 2001**. São Paulo: Global, 2004. p. 125-153.
- NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. **Bourdieu & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- PAROLIN, Isabel. **Professores formadores: a relação entre a família, a escola e a aprendizagem**. Curitiba: Positivo, 2005.
- PICANÇO, Ana Luísa Bibe. **A relação entre escola e família: as suas implicações no processo de ensino aprendizagem**. 2012. Disponível em: <<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2264/1/AnaPicanco.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2019.
- QUEIROZ, Edna Mendonça Oliveira de. **Mediação familiar em processo na constituição de jovens**. 2009. Disponível em:

<<http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT03-5408--Int.pdf>>.

Acesso em: 12 set. 2019.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). **Letramento no Brasil, reflexões a partir do INAF 2001**. São Paulo: Global, 2004. p. 89- 113.

SORDI, José Osvaldo De. **Desenvolvimento de projeto de pesquisa**. 1.ed. São Paulo: Saraiva, 2017.

SZYMANSKI, Heloísa. **Encontros e Desencontros na Relação Família-Escola**, 2011. Disponível em:

<<http://www.necfebf.uerj.br/boletins/boletim012011indexarquivos/HeloisaSzymanski.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2019.

SZYMANSKI, Heloísa. **Práticas educativas familiares**: a família como foco de atenção psicoeducacional. 2004. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v21n2/a01v21n2.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

Taynara Elisa Lovison

Graduada no curso de Pedagogia da Faculdade Guilherme Guimbala – ACE/FGG. taynara_lovison@hotmail.com.

Dirlene Glasenapp

Docente do curso de Pedagogia da Faculdade Guilherme Guimbala – ACE/FGG. dirlene.glasenapp@fgg.edu.br.

Recebido em 20 de novembro de 2020.

Aceito em 16 de dezembro de 2020.